UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE O ISLAMISMO AFRICANO E SUA CHEGADA AO BRASIL

A BRIEF REFLECTION ABOUT THE AFRICAN ISLAM AND IT'S ARRIVE TO BRASIL

Roberto Magalhães dos Santos [1]

Resumo: Embalados pela temática em questão, o presente artigo vem como continuidade às nossas pesquisas desenvolvidas sobre as Religiões de Matriz Africana, (RMA), o que de fato constitui-se em um assunto bem amplo, principalmente quando pensamos em matriz africana como tudo que de lá veio para nosso continente. Assim, levando em consideração o avanço do Islã em quase todas as partes do mundo, e principalmente no continente africano, por meio deste artigo nos propomos a fazer uma reflexão sobre o Islã africanizado, buscando conhecer a relação que se estabeleceu no passado entre o mundo muçulmano e os países africanos, passando tanto pela questão dos enfrentamentos, resistências e aceitação do islã, além de sua adaptação a realidade Africana. Por fim ainda buscamos averiguar sobre a expansão do islamismo africano também no Brasil através de sua chegada por meio dos negros malês.
Palavras-Chave: África; História; Islamismo; Religião.

Abstract: Based on the themes in question, the present article is a continuity to our researches developed about the African Matrix Religions (AMR), what is based in a broad subject, mainly when is about African matrix as the amount of things that was bring to our continent. So considering the Islam advances in almost every part of the world, mainly in African continent, by means of this article we propose to do a reflection about the African Islam, searching to know the established relation between the Muslim world and the African countries in the past, passing through the coping question, resistance and Islam acceptance, besides their adaptation to African reality. Ultimately we seek to find out about the African Islam expansion in Brazil through their arrive with the Malaysian black people.
Keywords: Africa; Islam; History; Religion. religion.

1- INTRODUÇÃO

Este artigo vem como continuidade às pesquisas que temos desenvolvido voltadas ao estudo das Religiões de Matriz Africana, levando em consideração que quando falamos em RMA (Religião de Matriz Africana), tratamos de um assunto bem amplo, visto que existem não uma, mas várias religiões que tiveram seu berço na África, ou que de lá se expandiram para outros continentes, ou mesmo na atualidade tem partido da África para diversos países, como

[1] Mestrando em História pela Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão, Brasil.

tem ocorrido com os atuais refugiados, os quais têm avançado por diferentes nações inclusive para o Brasil. Sendo que, neste caso em especial, temos visto através dos noticiários difundidos pelos veículos de informação, que nos últimos tempos um grande avanço do Islã tem se dado em várias partes do mundo, principalmente através dos refugiados saídos de regiões de conflitos, tanto do Oriente médio como do próprio continente africano. Na verdade, a própria história do Brasil traz registros da vinda de africanos muçulmanos para nosso país, oriundos de países como "[...] Senegâmbia (na costa oeste da África), ou a partir do Golfo do Benim (atual Benin, Togo e Nigéria)" (IQARA ISLAN, 2017, p. s/n), em tempos bem anteriores aos dias atuais.

Assim, diante desta realidade de expansão do Islamismo no mundo, principalmente advindo da África, nos propomos a estudar o Islã africanizado, tendo como referência a relação estabelecida no passado entre o mundo Árabe e os países africanos. Conforme Lima (2017), pode-se observar que o relacionamento árabe-africano ocorre já há séculos, que data anteriormente à ascensão do Islamismo e que na verdade após o surgimento do Islã os árabes iniciaram na África, a partir de 639 d.C, um processo de avanço com o objetivo de alcançar adeptos, em confrontos muitas vezes violento em relação à religiosidade tradicional. Desta maneira, buscaremos investigar sobre as relações e bem como a expansão islâmica no continente africano, reportando mesmo a sua chegada ao Brasil.

2- ISLAMISMO: DE SUAS ORIGENS ATÉ SUA CHEGADA A ÁFRICA

Para falarmos sobre o Islamismo como religião presente na África, precisamos antes de qualquer coisa voltar na história para compreendermos sobre os primórdios dessa religião que atualmente, à semelhança do cristianismo e bem como das religiões tradicionais africanas, se faz integrante do quadro religioso atual presente no continente africano.

Falando um pouco sobre os primórdios do surgimento do Islã, Benny Hinn (2010) em seu livro "Sangue na Areia", faz uma viagem no tempo, voltando ao princípio de um conflito Árabe-Israelense que surge conforme as narrativas Bíblicas a partir de dois descendentes de Abraão, a saber: Isaque e Ismael. Fazendo uma descrição bíblico-histórica, que a partir destes dois personagens se daria o início de duas nações que passariam a travar um conflito que duraria até os tempos atuais. Essa caminhada histórica do mundo árabe dos descendentes de Ismael chegaria até a figura de Maomé ou Mohammed, o qual nasceu em Meca, na Arábia Ocidental, no ano de 570, e que aos 40 anos recebeu seu chamado através das mensagens reveladas por Alá. "Contudo, foi antes de tudo aos árabes de religião tradicional que Maomé foi enviado, portador da mensagem divina" (FASI, 2010, p.42). Desta forma, pelo fato de Maomé não saber ler e escrever, seus seguidores foram registrando suas palavras e, desta forma, esses escritos foram sendo preservados até a formação do que hoje é conhecido como Alcorão (ou simplesmente Corão) composto pelas "114

suratas, de extensão desigual, em conjunto" (FASI, 2010, p.43). Assim, conforme Fasi:

> "Os ensinamentos do Corão são de natureza global e visam guiar o homem em suas relações com Deus, assim como com os outros membros da sociedade humana. Os preceitos e os princípios corânicos constituem o fundamento da fé islâmica. O primeiro dos princípios é o monoteísmo absoluto, expresso através de uma fórmula que talvez constitua a mais breve e simples profissão de fé se comparada a todas as religiões do mundo: "Não há outro Deus senão Alá e Maomé é o profeta de Alá." Pronunciar esta curta frase (shahāda) é tudo o que um convertido deve fazer para tornar-se muçulmano. A fé na qualidade de profeta de Maomé é parte integrante desta crença, haja vista que, sem a sua missão profética, a perfeição do islã não existiria. " (FASI, 2010, p.46).

Para tanto, ainda conforme Hinn (2010), podemos conhecer algumas definições sobre o significado de termos como "Islã e mulçumano", onde "Islã" é definido como "Submissão", e o termo "mulçumano" definido como "aquele que submete", assim todos os que se tornam adeptos do Islã tornam-se submissos a Alá e a seu profeta Maomé. Nesta dinâmica de submissão e adesão ao Islã, duas correntes históricas dividiram-se após a Morte de Maomé, os Xiitas e Sunitas, onde os termos representam o seguinte: *"O termo sunni significa 'aquele que segue a suna' – o que Maomé ensinou. O termo era aplicado a Abu Bakr. E Xiita deriva-se de 'Shiat Ali – que denota 'partido de Ali'."* (HINN, 2010, p.89). Dessa forma, segundo Hinn:

> "A resposta ao problema xiitas/sunitas remonta à fundação do Islamismo. A separação cresceu de questões relativas à sucessão: Quem lideraria o islamismo após a morte de Maomé? Visto que ele não tinha filhos, houve uma acalorada discussão relacionada ao assunto. Finalmente ficou decidido pelos anciãos que o líder (califa) do islã seria o amigo mais íntimo de Maomé, um homem chamado Abu Bakr. Isso acendeu imediatamente uma discussão com os que acreditaram que o primo e genro do profeta, Ali ibn Abi Talib, deveria ser seu herdeiro legal. " (HINN, 2010, p.89)[2].

Como vimos, um grande conflito se estabeleceu no Islamismo, e continua a gerar grandes problemas que até hoje estão longe de serem resolvidos. Na verdade, a cada momento em que se expande o "mundo mulçumano", com ele se avança os conflitos internos do islamismo, principalmente através do fundamentalismo islâmico que tem causado suas vítimas aos milhares em quase todas as partes do mundo. Até mesmo pelo fato de que esses mesmos ramos que se dividiram por questões de sucessão, ainda continuam suas divisões internas principalmente no caso dos Xiitas que "[...] rapidamente dividir-se-ia em grande número

[2] "No tocante ao fato de que Maomé não teve filhos, é importante ressaltar que ele não teve filhos homens, contudo teve filha, sendo "Fátima a filha do profeta", a qual se casou com Ali ibn Abi Talib. " (FASI, 2010, p.54).

de seitas, opostas entre si [...]" (FASI, 2010, p.55). Assim, ainda no tocante aos xiitas é importante ressaltar conforme Menezes (2010) que:

> "Os xiitas rejeitaram o princípio do consenso da comunidade e o substituíram pela doutrina segundo a qual havia em cada época um ímã infalível ao qual Deus confiava a missão de guiar a humanidade. O primeiro deles teria sido Ali. Acreditam que mesmo quando o imã "desaparece" deste mundo, ele continua como o "ímã escondido" a desempenhar o papel de guia. Ele reaparecerá um dia para restabelecer a paz e a justiça no mundo sob a forma de mahdi, aquele que é guiado por Deus. " (MENEZES. 2010, p.16).

Na verdade, podemos perceber que tal posição sustentada pelos Xiitas, vem como forma de rechaçar a sucessão de Maomé por meio de Abu Bakr, o líder Sunita que fora indicado pelos anciãos, por ter sido o amigo íntimo de Maomé. Quanto aos sunitas conforme Menezes (2010), hoje eles representam cerca de 90% da população mulçumana no mundo, tratando justamente da grande maioria que aceitou a proposta de adesão da sunna ortodoxa, ou seja, aderiram a seguir como sucessor Abu Bakr.

Diante desta realidade, agora entendendo superficialmente como se deu o surgimento do Islã e sua divisão, podemos continuar refletindo sobre sua expansão que o levou também aos territórios africanos. Assim, como afirmado por Lima:

> "Depois da conquista pelas armas, os mercadores árabes passaram a atingir regiões onde buscavam fortuna em forma de marfim, ouro e, principalmente, escravos. Com eles, levaram sua religião: o africano não tinha qualquer alternativa; ou se tornava um crente ou era tachado de infiel. " (LIMA 2017, p.1).

A expansão Árabe islâmica foi tomando proporções cada vez maiores e chegando às regiões africanas essa expansão seguiu primeiramente a região norte em países como Egito, Líbia, Marrocos, Argélia e Tunísia (Aguiar;2006). Sendo que, mais à frente também os muçulmanos avançaram para além do deserto do Saara, principalmente atraídos pelo comércio do marfim e do ouro, avançando pela África Ocidental em regiões como as de Gana, Sudão e Gâmbia. Na realidade a dominação islâmica na África se deu em muitos momentos violenta e principalmente mercadora, a qual levava consigo a expansão do "mundo muçulmano". Assim, para os africanos a única opção de não serem tachados como infiéis estava na conversão ao islã.

Neste processo de islamização em território africano, um fator importante a ser lembrado segundo Lima é que:

> "A ideia muçulmana da existência de um Deus único supremo, não era desconhecida dos africanos. E, a lei do Alcorão não conflitava, basicamente, com os costumes das tribos. O setor das crenças e práticas religiosas dos nativos da Nigéria oferece uma clara ilustração da unidade latente que caracteriza as

> tradições dos diversos grupos étnicos do país. Todos os povos da Nigéria acreditam na existência de um Ser Supremo, conhecido por Olorum ou Olodumaré entre os Yorubás, Osenabua entre os Idos, Chineke entre os Ibos, Obasi entre os Efiks, Ogheges entre os Isokos, Oritses entre os Itsekiris e Awundus entre os Tivs, para citar alguns exemplos. " (LIMA 2017, p.01).

Como nós podemos ver, muitas das crenças dos muçulmanos conseguiram estabelecer certa relação com as crenças dos africanos, principalmente no tocante à existência de um único Deus supremo. No caso dos africanos essa Divindade Superior era devotada na figura de outros deuses, os quais se assemelhavam ao ser supremo do Islamismo. O que vai nos ajudar a entender mais a frente que a adaptação dos Malês ao Brasil foi fácil devido ao fato de ambas serem monoteístas, quais sejam, a islâmica dos africanos do Daomé (atual Nigéria) e ao cristianismo no Brasil. Dessa maneira, no tocante à islamização africana, levando em consideração os fatores já apresentados, Fasi (2010) nos reporta que a primeira região a ser invadida pelo Islã foi o Egito, visto que como havia conflitos religiosos cristãos naquela região, os Coptas foram libertos da opressão bizantina, e ao mesmo tempo, também foram seduzidos pela mensagem simples e as propostas da religião muçulmana. Assim, muitos foram os que se converteram ao islã, pois como afirmado por Fasi:

> "A islamização e arabização do Egito foram igualmente favorecidas pela contínua chegada de árabes beduínos da península e do Crescente fértil, os quais se estabeleceram como agricultores, misturando-se com a população indígena copta e com isso aumentando o número de muçulmanos arabófonos. As conversões foram igualmente favorecidas, a partir do século V/XI, pela corrupção e pela crescente degenerescência do clero copta que ignorava completamente as necessidades espirituais de suas ovelhas. " (FASI, 2010, p.74).

Depois do Egito a islamização seguiu avançando para o Marrocos, Tunísia, contudo não sem entraves ou resistências. O islamismo foi avançando também por países como o Sudão que segundo Lima:

> "A "conversão", [...] que ocorreu na África Ocidental entre as práticas da religião tradicional e o islamismo, resultou, antes de tudo, de ter o Islã aprendido a tolerância, a adaptabilidade, a capacidade de respeitar o modo de viver tipicamente africano das sociedades tradicionais, facilitando aos habitantes do Sudão o ingresso sem o abandono da crença ancestral, nesse "clube" fechado e prestigioso. Mediante essas práticas fáceis, o iniciado terá o sentimento de fazer parte não somente do povo eleito por Alá, mas, também e, sobretudo, da pequena elite local. " (LIMA, 2017, p.1).

Aqui podemos observar uma questão importante, neste processo de islamização, que está no fato dos convertidos não terem de abandonar suas crenças ancestrais, além de desfrutarem do prestígio de fazer parte das pequenas

elites locais, vê-se nessa religião uma oportunidade de ascensão social e também o privilégio de ser considerado um eleito do Ser Supremo. Contudo, diante desta realidade não se pode negar que mesmo no tocante ao islamismo africano, segue a questão do sincretismo religioso presente também no sistema islâmico na África, pois como afirmado por Fasi:

> "Desde a sua chegada a África Ocidental, o islã teve que lutar contra costumes e práticas não-muçulmanas. Para a maioria dos convertidos, a adesão a esta nova religião jamais significou o total abandono de todas as práticas não-islâmicas associadas a sua religião tradicional. De fato, e inicialmente, muitos aceitaram o islã porque os primeiros chefes muçulmanos interpretavam de modo liberal o que constitui a proliferação do islã, mostrando-se, portanto, muito tolerantes em face de certas práticas não-islâmicas. " (FASI, 2010, p.90).

Vemos, assim, que o processo de islamização não significou um completo abandono das religiões tradicionais, pelo contrário, houve um processo coexistência das duas práticas. Por outro lado, em locais como no reino de Gana o método de conversão ao Islã se valeu práticas mais duras. Apesar disso, podemos observar que na verdade mesmo na África, em seus principais centros urbanos, a islamização não se deu diretamente como forma de fazer prosélitos, antes,

> "[...] o islã aparecia primeiramente não como uma fronteira motora de conversão das massas em uma zona contínua, mas, antes, como uma série de enclaves urbanos nos centros de comércio e poder político, ao passo que as populações rurais eram pouco atingidas. Estes estabelecimentos, ao longo das rotas comerciais e nos grandes centros urbanos, constituiriam as bases para a propagação futura do islã. " (FASI, 2010, p. 89).

Ainda conforme Fasi (2010) a expansão do islamismo na África continuou na extremidade das bandas sudanesas, na Senegâmbia, sendo este momento marcado por forte ofensiva do Islã. Assim, por volta dos séculos X a XVI, em sua grande maioria as populações da Gâmbia já eram tidas como muçulmanas. Lembrando que na Núbia e no Sudão a islamização tornou-se um processo contínuo. No tocante aos somalis, eles conheceram o islã por meio das cidades litorâneas moradoras da beira do Oceano Índico, visto que desde meados do século IV ao X, um número expressivo de comerciantes muçulmanos já vinha se estabelecendo nestas cidades.

Por fim, outro fator importante a ressaltar é que na atualidade convivem na Nigéria as religiões tradicionais e o islamismo, e este segundo tem experimentado um processo de crescimento recrutando muitos adeptos na atualidade.

3 – A CULTURA E OS AVANÇOS DO ISLAMISMO AFRICANO E SUA CHEGADA AO BRASIL

Como pudemos observar nos debates anteriores, falar de islamização no continente africano não significa falar

no abandono da cultura tradicional pelos povos deste continente. Com relação a elementos que se encontravam presentes em sua religiosidade antes, como já ressaltamos, podemos perceber muitos avanços do islamismo na África carregado de um sincretismo religioso. Conforme Fasi (2010) em sua essência o Islã não exclui, teoricamente as diversidades culturais africanas, na verdade ele afirma a unidade da raça humana reconhecendo no conjunto humano uma natureza semelhante, formada por Deus, onde todos nós pertencemos à "raça adâmica". Diante desta unidade generosa da raça humana proposta pelo Islã, não foi difícil para os africanos assemelharem suas divindades supremas à da divindade soberana do islamismo, o Alá dos muçulmanos.

Para tanto, é importante lembrar ainda conforme Fasi, que ao aderir ao islamismo os africanos assumiam um compromisso individual e definitivo, sendo este compromisso algo livre sem constrangimentos físicos ou moral, contudo essa inserção ao islã trata-se de um envolvimento social por parte de seus adeptos, tal realidade demonstra que a conversão do africano ao islã não poderia ser a força, "contudo, o seu estatuto religioso – sem Livro – tornava-o um dependente incondicional e sem nenhuma proteção perante a comunidade muçulmana" (FASI, 2010, p.116). Assim, diante desta realidade os africanos foram se tornando islamizados em muitas regiões africanas por onde o "mundo muçulmano" expandia-se.

Conforme Aguiar (2006, p. 49) o continente africano mesmo não sendo um único país, como talvez muitos costumassem pensar, acabou por apresentar aspectos de unidade populacional principalmente no que se refere "às práticas culturais religiosas". Tal realidade levou o processo de islamização a resistências que acabaram por forçar a adaptações dos elementos simbólicos muçulmanos à realidade cultural africana. Um exemplo disso está nas mudanças que ocorreram no curso do islamismo entre os séculos V ao XI, e que chegariam também ao islamismo africano, pois:

> "Ambas as tendências do século V/XI tiveram profundas repercussões no tocante as relações do islã com as sociedades africanas. A primeira, relevada em consideração pelo malikismo, tornou mais intransigente a comunidade muçulmana face as tradições culturais africanas. A outra difundiu, com grande sucesso, o culto dos homens santos, portadores de uma benção *(baraka)* igual àquela que os *hādjdjī* trazem da peregrinação para as necessidades de cura e adivinhações, estando prontos, a este título, pra islamizar certos aspectos muito antigos da vida cotidiana dos africanos. Aos olhos da pessoa comum, sempre prontas a crerem em milagres, os santos e os marabutos aparentam ser mais acessíveis que o deus majestoso e longínquo do islã. Ainda mais importante, o culto dos santos locais por vezes elimina a obrigação de peregrinação a Meca e recobre frequentemente um culto precedente. Deste modo desenvolveu-se, primeiramente no Magreb, em seguida e sobretudo após o século XI/XVII, na África Ocidental, o personagem do marabuto, figura social dominante do islã ocidental. " (FASI, 2010, p.117).

Aqui vemos duas situações em função da cultura vivenciada pelos africanos em sua forma de religiosidade; primeiro uma postura islâmica radical de intolerância às tradições culturais africanas, que provavelmente resistiam no meio dos africanos islamizados, o que certamente levou a conflitos de cultura, visto os africanos não terem sido passivos a esse posicionamento radical imposto pela aculturação islâmica. Em segundo lugar, houve movimentos no sentido de enculturação e aceitação da cultura africana, quando difundido o "Culto dos homens santos", o que resgatava o misticismo africano acostumado à busca por milagres, sendo que para os africanos, era mais fácil ter acesso aos santos marabutos, do que ao Deus distante do Islã. Desta forma, como afirmado por Fasi (2010, p.117) "[...] desenvolveu-se, primeiramente no Magreb, em seguida e, sobretudo após o século XI/XII, na África Ocidental, o personagem do *marabuto*, figura social dominante do islã ocidental"[3]. Desta maneira podemos observar que no tocante as duas propostas de islamização "[...] a ascensão do movimento místico diz muito mais intimamente respeito à vida das sociedades africanas que à fé ou à simples observância" (FASI, 2010, p.117-118). Tal realidade não significa que não houve adeptos africanos ao islamismo mais tradicional, antes como em outro momento já fora abordado, várias foram as regiões do continente africano que foram envolvidos no mundo muçulmano mais radical em sua tradição.

Quanto à chegada do islã em terras brasileiras, Ribeiro (2011), nos aponta que este fato ocorreu de maneira gradativa, onde o islamismo foi implantado no Brasil em três fases:

> " • *islamismo de escravidão* – oriundo do tráfico negreiro de escravos islamizados desde o século XVIII, instalou-se primeiramente na Bahia, progressivamente se espalhando por outras regiões do país;
> • *islamismo de imigração* – oriundo da imigração de povos árabes no período pós-Primeira Guerra Mundial, iniciando uma comunidade islâmica reconhecida no país;
> • *islamismo de conversão* – fenômeno do final do século XX, que se inicia com a crescente conversão de brasileiros ao islamismo. " (RODRIGUES, 2011, p.140).

Mesmo diante destas três fases de implantação do islã no Brasil, em nosso estudo nos atemos somente na primeira fase centrada na entrada do islã em nosso país por meio do *islamismo de escravidão,* o qual se deu especialmente com a chegada dos negros muçulmanos em nossa terra. Desta forma, conforme Ribeiro (2011), a chegada do islã no Brasil ocorreu no final do século XVIII por meio dos escravos islamizados vindos da África. Esses escravos

[3]MARABUTO; conforme o dicionário Houaiss (2007, p.1846), estes termos se referem a "1- REAL Sacerdote mulçumano de vida ascética, venerado em vida e após a morte como santo; marabu, morabita, morabito 2- REL seguidor de ordem religiosa; marabu, morabita, morabito 3- tumulo de marabuto (acp. 1) marabu etc.

oriundos da região do Sudão Central, (atual região norte da Nigéria), eram na verdade prisioneiros de guerras religioso-políticas que, no contexto da expansão do Islã em África, tratavam-se de prisioneiros capturados nos conflitos travados entre o lado muçulmano mais tradicional e o lado progressista animista do islã africanizado. Em ambos lados, os vencidos se tornavam escravos dos vencedores, dessa forma, eram vendidos como escravos e embarcados em navios negreiros para o Brasil. Esses prisioneiros possuíam em comum a fé islâmica, mesmo que carregando suas diferenças dogmáticas. Um fator interessante a ser lembrado, é que mesmo diante desta rivalidade devido às questões dogmáticas e que acabara levando-os à escravidão, esses escravos muçulmanos acabaram por estabelecer laços de unidade, laços estes criados por questões identitárias.

Assim, diante desta realidade, conforme Aguiar (2006), esses negros islamizados trazidos como escravos por serem adeptos do islã africano, terminaram sendo identificados no Brasil como malê, que em língua iorubá *imalê* significa muçulmano. "Portanto, malês eram os seguidores da religião muçulmana, também conhecida por islã, fossem eles escravos ou negros libertos, africanos ou brasileiros, provenientes de qualquer parte de África" (AGUIAR, 2006, p.49-50). Dessa maneira, quando se fala dos malês, não se pode dizer que se refira a algum povo específico, antes, se refere a um "conjunto de pessoas", oriundo de uma diversidade de países ou nações e que foram trazidas para o Brasil como escravos, sendo todos esses seguidores do islamismo. Por certo que "havia entre os malês uma predominância de iorubás ou nagôs, vindos da África Ocidental, principalmente da Nigéria". (AGUIAR, 2006, p.50). Segundo Ribeiro (2011), esses negros islamizados conhecidos como Malês, por serem dotados da capacidade de leitura e escrita, acabaram executando atividades superiores aos demais escravos, atuando no comércio, tornando-se negros capazes de desenvolver serviços urbanos, chegando muitos deles a comprar sua própria alforria, o que não acontecia sem dificuldades. Assim, muitos destes Malês alforriados conseguiam adquirir patrimônios muitas vezes maiores, até mesmo, que os brancos dominantes. Diante das adversidades do cotidiano de ser um escravo no Brasil, os Malês conquistaram espaço tanto na economia como no desenvolvimento de suas crenças, mesmo que em muitos momentos eles se apresentassem como católicos ante aos brancos. Ainda assim, com o propósito de continuidade de manifestação de suas crenças islâmicas, esses negros muçulmanos fundaram casas de oração e escolas, mesmo que tivessem que atuar em lugares mais distantes. Eles também investiram em uma vida dedicada à pregação da fé islâmica, mesmo em um tempo de proibição.

Para tanto, o que podemos também observar é que na realidade esses negros muçulmanos vindos como escravos para o Brasil acabaram se tornando símbolos de resistência e luta contra a escravidão e as imposições da religião dominante, demostrando que a fé poderia também ser empregada pelos escravizados como elementos de libertação. Visto que, como afirmado por Aguiar:

> "A religião islâmica é uma instância eminentemente social e política. Toda a simbologia religiosa tende a levar a pessoa fiel para um relacionamento social mais elevado, buscando o bem da sociedade e o seu crescimento. [...] O islamismo foi para negros e negras marginalizados uma porta aberta, um local de chegada e de partida. " (AGUIAR, 2006, p.50).

Esta realidade de resistência e busca por justiça dos negros malês no Brasil, assemelha-se ao exemplo do islamismo vivenciado na África, que permitia aos negros convertidos ao islã um tratamento mais justo e igualitário em sua sociedade diante dos Árabes dominantes, dando voz mesmo aos indefesos, que como irmãos de fé deviam ser tratados com respeito.

Os negros muçulmanos possuíam algumas especificidades que os diferenciavam dos demais, como os princípios de justiça que aprendiam na vivência do islã e o fato de saberem ler e escrever. Isso os levavam a adotar uma postura mais crítica em relação a sua condição de escravizados. A sensação de superioridade que os Malês tinham era tamanha que em sua luta pela resistência à escravidão, eles pouco se relacionavam de igual para igual com os demais escravos. Assim, conforme Aguiar (2006), pelo fato dos malês dominarem a leitura e a escrita, eles detinham uma possibilidade maior de organização, além de possuírem uma elevada autoestima, tinham pleno conhecimento do lugar que deveriam ocupar na sociedade, tendo a certeza de que tal lugar lhes havia sido arrancado. Dessa maneira Ribeiro (2011), fazendo um levantamento das ações destes negros islamizados em busca de sua liberdade registra que:

> "Os negros muçulmanos eram conhecidos como "os mais inclinados à aventura da fuga, ao movimento, à rebeldia contra os senhores brancos" (Freyre, 1967, pp. 131-132). Comprovando essas palavras, os haussás comandaram diversas insurreições na Bahia, nos anos de 1807, 1809, 1814, 1815 e 1816, seguidas de um intervalo, após o qual se iniciaram diversas rebeliões que ficaram conhecidas como nagôs: 1826, 1827, 1828, 1830, 1835. Os registros oficiais dessas rebeliões deixam perceber a presença de muçulmanos com forte influência na liderança dos levantes. " (RIBEIRO, 2011, p.143).

Assim, foi justamente diante desta realidade de busca pela superação dos preconceitos e violência sofrida pelos negros na sociedade brasileira especialmente no século XIX, que ocorreu a tão conhecida Revolta dos Malês. Conforme Reis (2003), essa revolta foi uma mobilização dos escravos na noite do dia 24 para 25 de janeiro do ano de 1835 na cidade de Salvador, então capital da província da Bahia. O período em que ocorreu esse levante foi sob a regência de Diogo Antônio Feijó. Foi justamente neste período conturbado da política brasileira em que as camadas populares reivindicavam uma melhor condição de vida, que a revolta dos Malês se deu como a revolta mais grave, ousada e derradeira, principalmente por ter acontecido na importante cidade de Salvador, trazendo características de um

movimento predominante de africanos e africanas, escravos e libertos, adeptos da religião muçulmana. Este movimento revoltoso foi significativo, visto o fato de que esses africanos mesmo que por pouco tempo assumiram as ruas da cidade, tornando-se os senhores "ao menos neste momento". Dessa maneira conforme Reis (2003) a Revolta dos Malês constituiu-se em um movimento muito maior do que uma mera revolta social desesperada, antes foi um levante dirigido rumo a tomada do poder. Nesse momento de revolução que ocorrera "ao final do Ramadã mostrando com isso uma forte conotação islâmica ao levante em questão" (RODRIGUES, 2011, p.143-144), observa-se que a grande maioria da população da capital da província baiana era composta pelos africanos e seus descendentes. Deste modo, tal levante se deu como forma de resistência dos negros contra a escravidão, contra os preconceitos e violência sofridos por eles devido às questões étnicas, e também contra o problema da intolerância religiosa.

4 – CONCLUSÃO

Chegando ao final deste trabalho, podemos obter alguns resultados. Em primeiro lugar, é bom ressaltar que apesar do Islã ter sua origem no médio Oriente, especificamente na Arábia, isso não impediu sua proliferação por quase todas as partes do mundo, principalmente no continente africano, o que podemos observar mesmo em nossos dias. Também tivemos a oportunidade de compreendermos que o islamismo, desde seus primórdios, é uma religião de grandes conflitos internos principalmente relacionado à questão sucessória do Islã após a morte de Maomé. Segundo, no tocante à expansão do islamismo no continente africano pôde ser observada que ela não se deu de maneira tranquila. No passado, e nos dias atuais também, essa expansão suscitou muitos conflitos tanto por questões de choque cultural, como por questões por conflitos internos na estrutura do islamismo. Na verdade, houveram países africanos que receberam o islã até mesmo como uma forma de valorização social entre seus membros, independente da cor de pele. Contudo, ainda houve países que enfrentaram fortes crises principalmente pela necessidade do abandono de suas religiões tradicionais e suas práticas de culto. Terceiro, vimos que a inserção do Islã na África não impediu a construção de uma religião sincrética principalmente preservando costumes ancestrais de devoção aos "santos", que aparece na figura do Marabuto. Por fim, pudemos compreender dentro da dinâmica de expansão islâmica na África e mesmo partindo deste continente, uma expansão que ultrapassou as barreiras ultramarinas chegando ao Brasil, através dos escravos que ficaram conhecidos como malês. Desta maneira, a revolta dos malês na Bahia acabou por representar um importante foco de resistência dos negros no Brasil, que ao final somado a muitos outros fatores, contribuiu para a abolição da escravatura e o início de uma busca pela valorização do negro em nosso país.

5 - REFERÊNCIAS BILIOGRÁFICAS

AGUIAR, Gilberto Orácio. *Negros malês: a religiosidade islâmica atualizada no Instituto Cultural Steve Biko*. Ciberteologia - Revista de Teologia & Cultura - Ano II, n. 3. 2006.

FASI, Mohammed El. *História geral da África, III: África do século VII ao XI* – Brasília: UNESCO, 2010. 1056 p.

HINN, Benny. *Sangue na Areia: Entendendo o conflito no Oriente, os interesses, os perigos e o que a Bíblia diz sobre o Futuro.* Tradução: Onofre Muniz. 1. ed. São Paulo: Editora Vida, 2010.

IQARA ISLAN. *A Revolta Dos Escravos Muçulmanos Da Bahia*. Disponível em: <http://iqaraislam.com/a-revolta-dos-escravos-muculmanos-da-bahia> Acesso em: 24 de jul 2017.

LIMA, Claudia. *O Islamismo na África.* Disponível em: <http://www.claudialima.com.br/pdf/o_islamismo_na_africa.pdf. > Acesso em: 26 de jul 2017.

MENEZES, Maria do Carmo Ibiapina. *O Islã na África-Texto para debates 12*. Secretaria de Relações Internacionais do PT. São Paulo-SP: 2010.

REIS, João José. *Rebelião Escrava no Brasil: A história do levante dos Malês em 1835*. Edição Revista e Ampliada. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

RIBEIRO, Lidice Meyer Pinto. *Negros Islâmicos no Brasil Escravocrata.* Revista USP, São Paulo, n. 91, p.139 -152, Setembro/Novembro 2011.